

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM MARCEL SIEBERT

Entrevista concedida ao Projeto
"Universidade Regional de Blumenau
História" em 21/10/98.
Entrevistadores: Balbino Simor Rocha
Clarice Ehmke

BLUMENAU

1998

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM MARCEL SIEBERT

Entrevista concedida ao Projeto
"Universidade Regional de Blumenau
História" em 21/10/98.

Entrevistadores: Balbino Simor Rocha
Clarice Ehmke

BLUMENAU

1998

M.S.: Marcel Siebert

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

C.E.: Clarice Ehmke

M.S.: Meu nome é Marcel Siebert, vou fazer 36 anos. Entrei na FURB em, dia 1º de agosto de 1981 como aluno. Na época já tinha uma relação com a universidade, porque estudei inglês no Laboratório de Línguas. Entrei como aluno de Engenharia Civil, uma grande decepção, uma escolha errada, e acabei estudando engenharia por um ano e meio ou dois, depois acabei optando por Economia, mas também nem nunca me empolguei muito com o curso. Uma que na época, não vou dizer hoje, mas na época o curso de Economia era muito ruim, muito pouco qualificado. De todos os professores que eu tive, na época, apenas um era mestre. O resto, todos os demais ou eram somente graduados ou mal e mal especialistas. Mestre só, na ocasião, nos anos 80, só o Pedro Paulo que hoje é doutor. É, desde o começo, até pela minha origem do partido aí, eu acabei me envolvendo ...

B.S.R.: Qual o partido?

M.S.: O PT Minha origem ... eu sou o fundador do PT, um dos fundadores do PT aqui em Blumenau, início dos anos 80, meados para o fim dos anos 80. Antes de entrar na universidade eu estava no movimento partidário. E desta forma acabei naturalmente me envolvendo com o DCE, fiz parte da diretoria do DCE durante 3 gestões. Fui vice-presidente eleito na chapa encabeçada pelo Luiz Carlos Nemetz, hoje professor da Universidade, nós fomos eleitos em outubro de 82, na chapa Correnteza, gloriosa chapa "Correnteza" e foi na ocasião a maior eleição do DCE, com maior número de alunos. Na

época a FURB tinha 4000 e poucos alunos, 4500, mais ou menos e 3000 alunos se envolveram na eleição. Foi uma eleição disputada ... Outubro de 82, nós fomos eleitos, outubro de 82. Eu lembro que a época da eleição foi mais ou menos a mesma época que o prefeito eleito foi o Dalto dos Reis pelo PMDB. Acho que na mesma semana ou muito próximo. Nós fomos eleitos em 82, e numa época que o DCE vivia na FURB os seus momentos de glória. O final do regime militar ... o final não, eram os extertores do regime militar. Na época o presidente era o general Figueiredo, e o DCE tinha na época algumas bandeiras que mobilizavam mais os estudantes: O combate ao regime, a liberdade, a revogação das leis autoritárias, do acordo MEC - USAID, deves ter vivido essa época também. Nós fizemos uma gestão muito interessante, ela foi inovadora. Alguns problemas também, até pelas características personalistas que o Nemetz tem, (então seria bom conversar com ele também para ele dar a versão dele), as características personalistas que ele tinha, a gente acabou tendo uma gestão que foi extremamente polêmica. Na época a disputa do DCE, assim como hoje é, é partidária. Ela tinha as chapas que se formavam ... elas se aliavam em função das conotações partidárias. E essa chapa da qual eu fiz parte foi uma aliança, na época, entre o PMDB e o PT. E o Nemetz era na época do PMDB, hoje é filiado ao PT, mas na época era do PMDB. Ele andou passando pelo PL, pelo PTB etc, enfim, mas na época era do PMDB. E foi uma gestão muito interessante, logicamente a bandeira central era o combate ao regime militar, mas nós tínhamos também como grande bandeira a redução das mensalidades. Na época não se tinha ainda uma visão da democracia interna na universidade, da participação dos órgãos colegiados, nós não tínhamos ainda essa maturidade, vamos dizer assim. Depois eu participei na gestão do DCE também no ano seguinte. Que a eleição se deu no final

de 83 ... Aliás, é importante de se registrar, a nossa gestão também foi marcada, o meio dela, pela grande enchente que ocorreu em Blumenau em junho de 83. Uma enchente que arrasou a cidade, arrasou a região, e a FURB foi também muito prejudicada. Tanto é que o DCE ficou praticamente 3 semanas fechado. A universidade ficou praticamente 3 semanas fechada, a enchente atingiu a universidade duramente.. Isso foi também uma das características: a reconstrução da cidade, da universidade, também o nosso CPD na época foi totalmente atingido, no bloco E, onde hoje é o anfiteatro, no bloco E era o Núcleo de Informática, na época chamava-se CPD, tinha o "UNIVAC" lá. Eu me recordo que na noite da enchente, quando a água começou a entrar na universidade, o exército veio aqui para ajudar a tirar os microcomputadores. Na época os boletins, era fim de semestre, os boletins eram digitados no CPD, como hoje, eles eram entregues lá e digitados. Eu me recordo assim, nós pegávamos os boletins de notas, tirávamos eles assim certinho, eles estavam destacados por turma, por curso etc, e botávamos dentro de baldes assim, e levávamos para o andar de cima para evitar que fossem perdidos. E os computadores, naquela época não eram micros, naquele tempo eram aqueles UNIVAC enormes, nós cortamos os fios, os cabos, com machados para poder tirar os computadores.

B.S.R.: De alta tensão?

M.S.: Exatamente, era uns cabos grossos, enormes, e nós cortamos com machado os cabos para tirar os computadores e levar para o bloco D ... para o bloco B lá em cima. Alguma coisa foi perdida, não me recordo bem, mas o prejuízo foi muito grande. Na gestão seguinte do DCE eu também participei como secretário geral, e foi eleito presidente o Aniceto Luiz Mundt, que hoje é diretor do Comark. Ele está se exonerando,

não se sabe bem ao certo, não vem ao caso, ele é funcionário da universidade, jornalista, mas ele estudava Engenharia Civil na ocasião, e foi eleito presidente do DCE e eu fui secretário geral naquela gestão. Depois a ... também foi uma gestão muito interessante, porque nós pegamos naquela época, foi no final de 83 até final de 84, justamente naquela época em que ele assumiu, começou a grandiosa campanha das Diretas Já, deves estar lembrado disso. Teve um comício, na época a gente até participou, que em Santa Catarina foi em final de janeiro, 25 de janeiro, se eu não estou enganado, na cidade de Camboriu, quer dizer, em Balneário Camboriu, na cidade não, e a gente fez intensa mobilização pelas "Diretas Já", e que culminaram no dia 15 de abril de 84 com a rejeição da Emenda Dante de Oliveira. Nós tivemos uma grande manifestação! Na universidade fizemos diversas atividades pelas Diretas Já. Na época tinha uma campanha: "use amarelo pelas diretas". Nós todos vestimos amarelo, botávamos preguinhas amarelas. E aí teve um fato interessante, de que no dia da votação da emenda foi a primeira bomba na universidade. Teve as bombas, nas eleições do Egon, mas antes disso já houve ... foi no dia da votação das diretas, 10 horas da manhã nós estávamos no DCE e eu me lembro bem que nós estávamos cortando as fitinhas para dar para os demais pendurar, e explodiu uma bomba colocada não sei por quem, até hoje evidentemente, no banheiro masculino do bloco B, exatamente onde estourou a segunda bomba agora nas eleições. A primeira foi no bloco I e a segunda foi no mesmo banheiro, e foi engraçado. Engraçado não, foi trágico! Nós estávamos no DCE e era na ocasião em cima da cantina, onde hoje é o Centro Acadêmico de Engenharia Civil. Era ali em cima o DCE, e ficou ali até a gestão do João Krein em 90. E nós saímos correndo, estava eu e o Mundt, que era o presidente, tinha mais alguns diretores, e nós saímos correndo.

Quando nós chegamos no bloco B tinha um aluno que estava no banheiro do lado, e a bomba explodiu na porta ao lado, e ele estava sentado na escada que sobe no bloco B ali, completamente atordoado ... E foi um horror! O Reitor na época era o Arlindo Bernart, e eu lembro que ele chamou o exército, chamou a polícia, interditaram a FURB. E evidentemente que foi colocado ali para dar repercussão política, até pelo fato que o Arlindo tinha alinhamento com setores mais de direita à sociedade, e colocaram que os comunistas estavam ... Foi uma coisa muito interessante. Isso foi em 15 de abril de 84. Depois tem alguns fatos aí que a gente esquece. Em 83, na gestão do Nemetz, nós fizemos, numa ocasião, uma passeata de protesto contra as mensalidades, etc. Eu não me recordo exatamente quando foi isso, mas foi no ano de 83, nós fizemos uma grande passeata pela rua XV, enorme. Deve ter registro, fotográfico disso. Nós chegamos nós fomos pela rua São Paulo aqui, e quando nós chegamos no início da XV, perto do Fórum, à direita tem um edifício chamado Edifício Empala, e o exército estava filmando a passeata. Porque evidentemente a gente gritava músicas contra os militares : "fora Figueiredo que chegou a tua hora", e umas coisas do gênero. E nós estávamos sendo filmados pela ... E foi batata! No dia seguinte o exército veio me buscar aqui no DCE, uns 3 ou 4, e nós fomos chamados lá, mas sem nenhum problema. Eles tinham o filme, acho que na época era Super-8, e filmaram. Aí o comandante era o falecido coronel Brandão, figura conhecidíssima em Blumenau. O coronel Brandão nos chamou lá educadamente, e disse que nós fizéssemos as manifestações que nós quiséssemos, no entanto que não fosse agredido os generais etc. Foi engraçado, mas acabou tudo sob controle. Voltando em 83/84, na gestão do Luis Aniceto Mund, foi também uma gestão fortemente marcada pela campanha das diretas, depois acabou o repúdio do colégio

eleitoral, quando se perdeu a campanha das diretas, acabou havendo o colégio eleitoral, a eleição do Tancredo etc, acabou criando um clima de esvaziamento do movimento. Depois, na eleição seguinte, que é a de 84, acabou sendo eleita a oposição. Era um outro grupo do PMDB liderado pelo estudante de Direito Cláudio Roberto da Silva. Essa eleição teve 3 chapas, foi interessantíssimo, foi muito disputada, e o Cláudio ganhou. E foi a oposição à diretoria. Depois o Cláudio fez uma gestão ...

B.S.R.: Foi o Cláudio, a Rosane ...?

M.S.: A Rosane Martins era vice dele. A Rosane Martins que depois acabou sendo jornalista aqui do sindicato inclusive. E nós fazíamos oposição. Até o ... quem fez parte dessa gestão, só assim rapidamente, foi o Ivo Theiss. O Ivo Theiss participava desse grupo, fazia parte de ... um aluno formado em Economia. Depois, em 86 ... a gestão de 86 ... sempre a gestão é o final do ano anterior, mas eu falo a gestão. Em 86 foi eleito então, o Marcos da Silva, essa eu participei também, foi a última que eu participei. O Marcos da Silva, é PT também, ele era aluno de Pedagogia e hoje é presidente do sindicato dos professores das escolas particulares de Blumenau, participa aí com a gente, na militância partidária também. Em 87 foi o José Constantino Somer, com uma gestão muito interessante, aluno de Biologia. Hoje ele está fazendo mestrado na universidade, é funcionário da prefeitura municipal, morou muitos anos em Gramado na faculdade. Em 88 foi eleita a Adriana Kalkmann, é a única que eu não sei onde anda, mas estudou Pedagogia, dizem que está na prefeitura mas eu nunca mais tive contato com ela. E aí em 89 começou o período que eu entendo mais politizado do DCE. O primeiro, naquele que eu fiz parte, no início ali, em 83, foi o período mais de confronto com o regime militar, mas o período que reiniciou em 89 foi onde o DCE teve uma inserção acadêmica

profunda. Em 89 foi eleito o Fabrício Tomio. Fabrício Tomio, filho da "Euzi", que foi nossa funcionária. O Fabrício hoje, está fazendo doutorando na UNICAMP de Ciência Política e é professor da Universidade Federal de Santa Maria, fez o concurso para FURB, passou em segundo lugar, não sei para que cadeira, e em tese aí deve vir para FURB em breve ele é uma pessoa interessante. Isso foi em 89. Em 90... fim de 89, quase entrando em 90, foi eleito João Krein, que na minha opinião, eu sou suspeito de falar, mas foi a maior liderança estudantil na Universidade indiscutivelmente. Foi na gestão dele que o DCE mudou de sede, saiu de cima da cantina e foi lá para... não a casa onde está hoje, é a casa onde tem o xerox, não sei o que que tem ali naquela casa. E na questão do João foi implantado o regime parlamentarista do DCE. Na verdade, daí os alunos votavam numa chapa, não sei quantos membros, e a chapa então que elegia um primeiro ministro, vamos dizer assim, que eles chamam de coordenador geral, chamavam porque hoje já voltou a ser presidencialismo. Aí o João veio em 90...

B.S.R.: Um conselho de DAs funcionando...

M.S.: É, um conselho... e eles tinham uma direção que era realmente colegiada, você votava numa chapa. Um modelo realmente parlamentarista. E o João foi em 90, em 91 foi eleito uma figura muito interessante... bom, o João hoje é... ele se formou em Ciências Sociais e hoje trabalha na prefeitura, foi candidato a deputado etc ... e é presidente do Banco do Povo. Em 91 foi eleito para presidente o Benjamim Coelho filho, estudante de Direito, uma figura interessantíssima, também um pouco personalista, mas ele fez ... incomodou o Celso Zipf barbaridades, ele era... Na época dele, ele mobilizou sobremaneira os estudantes. Ele fez manifestações homéricas. Inclusive eu tenho fotos se interessar para vocês, eu tenho fotos daquela ocasião. Era a época de boicotes à

mensalidades. Não era greve. Saímos de uma época de greves, que era o nosso tempo, fazer greves, e se direcionaram ao boicote, ou seja, o não pagamento das mensalidades. Em 92 o presidente do DCE foi o hoje vereador Arnaldo Zimmermann. O Arnaldo era estudante de Letras, e fez uma gestão assim, interessante também. Em 93 foi eleito presidente do DCE o Júlio César Castellain, que hoje é estudante Ciências Sociais. O Arnaldo fazia Letras, o Júlio, Ciências Sociais e hoje ele é funcionário da Prefeitura e passou no concurso da Universidade, vai ser o nosso funcionário aqui da FURB também. Noventa e quatro ele foi eleito presidente, o estudante de direito Vanderlei Paulo de Oliveira, hoje advogado, graduado e foi candidato a deputado estadual pelo PT. Toda essa turma de 89 até 94, todos eram petistas, a direção do DCE esteve na mão do PT e foi em 95 quando foi eleito o ainda hoje estudante de Engenharia Civil Heriberto "Bogert", ele deve estar se formando agora. E aí em 96 começou o domínio do PC do B no DCE, que foi em 96 o André Moroski, 97 o Claucemar Rossoni, e agora o José Sarmiento, quer dizer...Teve um domínio do PT no DCE de 82 até 95, com interrupção do Cláudio, o Cláudio Roberto da Silva em 85, todos os outros eram do PT.

B.S.R.: O Cláudio Silva era ligado a que partido?

M.S.: PMDB, mas na época, isso é um pouco difícil, ele fazia parte do grupo mais da esquerda do PMDB na ocasião. E nós chamávamos de "prestistas", que era o pessoal que tinha como linha, como guru Luiz Carlos Prestes. Então era o grupo mais de esquerda do PMDB, que até em nível de um, tinha algum alinhamento com a gente, do PT. Mas foi nestes 3 anos que o PC do B dominou, o PC do B teve uma inserção em nível de Brasil muito forte no movimento estudantil, tanto que domina historicamente a UNE desde que eu conheço sempre esteve na mão do PC do B. Eu participei de dois

Congressos da UNE também muito interessantes, foi uma ótima experiência. Em 82 em Piracicaba onde foi eleito presidente o Antônio Chavier Alfaya, um espanhol que era estudante da UNB, se não me engano e ele foi eleito pelo PC do B também, e depois no ano passado no ano seguinte no Rio de Janeiro participei também. Participei do Congresso da Fundação da CUT em 83 em São Bernardo do Campo eu não era trabalhador, eu era estudante, mas aí na época eu fui como trabalhador têxtil de Brusque, maravilhoso, (RISOS) para poder participar do congresso. Pode contar essa sacanagem também? Bueno. Participei do congresso da CUT também foi uma das coisas marcantes, porque o Congresso da CUT é basicamente a origem da CUT é o movimento sindical do ABC, Lula, Meneguelli essa turma aí e eu participei um, três, quatro dias e fiquei impressionado com o nível de politização que aquele pessoal, que aquela massa operária lá... o pessoal tinha mal e mal o 1º grau e discutia Marx, Engels, Gramsci. E impressionante o de mobilização e o que me chamou a atenção, na época o Lula, isso faz 15 anos, exatamente, o Lula era com se fosse um "deus" pra eles, era impressionante, era realmente personalista, o Lula chegava lá, o pessoal entrava em êxtase. Então mais ou menos a história do DCE é... tem alguns fatos interessantes que marcaram a história da FURB. Um fato que chamou muita minha atenção foi a luta em 86 pela legalidade da FURB, vamos dizer assim, quando o Arlindo Bernart ... quando houve a transformação da FURB em Universidade, aquele processo todo, o Arlindo Bernart se auto designou reitor pró-têmpore da Universidade, ele era para ter deixado o cargo em maio de 86, houve uma eleição. Na época as eleições não eram estatutárias como hoje, eram uma consulta prévia, e na ocasião tinha 4 candidatos: o Lorival Krüger, que hoje mora em Rio do Sul, adotou Rio do Sul, o Professor Braulio Schloegel, o Milton Pompeu da

Costa Ribeiro e o José Tafner, e o Fronza de vice. O Tafner ganhou as eleições. Mas o Arlindo se auto intitulou reitor pró-têmpore em função das mudanças estatutárias, e não quis mais largar o osso. Tanto é que ele acabou saindo em outubro de 86, tanto é que o reitor tomou posse em outubro para completar o ciclo de 4 anos que se iniciou em outubro de 86 com o Tafner. Que a posse normalmente ela se dava em maio, mas o Dr. Arlindo...

B.S.R.: Próximo do aniversário da Universidade.

M.S.: Exatamente! E o processo, foi muito dolorido, a Universidade toda se envolveu nessa luta pela legalidade, a questão não era pessoal contra o Arlindo, acabou se tornando, mas ele... foi um processo dramático, que a transformação da FURB em Universidades, nos obrigou a mudança estatutária e regimental. E o Arlindo escreveu estatutos e dos regimentos na época, hoje já são outros, escreveu sozinho, teve auto convocação no Conselho Universitário, teve reunião do Conselho Estadual de Educação, eu lembro que eu fui duas vezes à Florianópolis. E foi uma mobilização intensa que culminou com a retirada judicial, praticamente do Arlindo, foi um horror, foi um período muito traumático da Universidade, e depois o Tafner acabou tomando posse sem o Arlindo passar o cargo para ele. Quem deu posse ao Tafner foi o Gentil Telles, professor do curso de Direito, que na época era, como se diz, o mais antigo na casa, o Arlindo não passou para o Tafner, nem o Braulio. Quem passou foi o Gentil Telles. E outro fato interessante também que marcou essa época de movimento estudantil foi o debate entre os candidatos a governadores em 1982. Na época o auditório, anfiteatro da universidade que ainda hoje é uma bosta, mas naquele tempo era pior ainda, ele era localizado onde hoje é o Centro de Ciências Jurídicas, aquela sala ali do bloco B era o nosso auditório,

22

era ali. Depois veio aqui para baixo onde era o Núcleo de Informática aqui no bloco E. E nós fizemos, o DCE na época em 82, gestão do Antônio Menestrina, acho que estava iniciando a gestão, fizemos o debate com os 5 candidatos a governador na época. E foi a primeira eleição para governador, durante o período da revolução, do golpe, porque ela era indicada. Então em 82 o regime deu uma abridinha e deu... e os candidatos eram: Esperidião Amim, vejam só que novidade, Esperidião Amim, pelo PMDB era o Jaison Barreto, senador Jaison Barreto, pelo PDT era uma mulher chamada Lígia Doutel de Andrade, pelo PTB o Osmar Cunha, que acabou não vindo, pelo PT o Eurides Mescolotto, que era o nosso candidato na época. E aí nós fomos para o debate naquele auditório. E foi o único debate feito em Blumenau, ou até no Vale, não recordo bem, feito com os candidatos, foi um evento assim, foi... O auditório entupido de gente, foi assim um clima, o debate começou num clima muito bom. Existe uma fita gravada deste debate, que deve estar na mão do Sr. Antônio Ramiro Menestrine que foi presidente do DCE em 82 no ano que eu entrei na Universidade, ele era o presidente. Ele gravou esse debate, essa fita deve existir se o tempo não deu um fim. O debate acabou terminando em pancadaria, foi um horror, o debate foi mediado pelo Luis Antônio Soares com a ajuda do Luis Mund, na época ele já fazia parte do movimento estudantil, mas era jornalista do jornal de Santa Catarina. Gurizão, eu tinha 19 anos naquela época, ele devia ter uns 22, 23. E a coisa foi horrível, e o Jaison logicamente, que as tensões eram entre o Jaison e o Amim, que eram os dois candidatos que estavam na disputa, e os outros eram meros figurantes, e o PMDB tinha um "clac" muito grande, tinha levado uma tropa de choque lá para fazer barulho. Bueno. Resumindo, a coisa acabou em pancadaria, a vidraça, um dos vidros laterais foi quebrado com soco, foi um evento que marcou a história da

Universidade, primeiro porque durante 2 semanas não se falava em outra coisa a não ser desse debate, inclusive dizem que em função desse debate, é que o clima da campanha entre o Jaison e o Amim foi em clima de guerra até o final, foi muito difícil. Basicamente sobre movimento estudantil, é isso. Hoje eu lamento porque o DCE está numa fase ruim, sem bandeiras... Estão tão sem bandeiras, estão completamente sem, sabe, eu acho que eles estão apáticos. O DCE teve momentos de glória, inclusive momentos anteriores a mim, aos quais não me recordo, mas teve administrações interessantes como a do Saut, que fez parte do DCE, o Sílvio ^{Bonates} ~~Bonig~~ de Jesus, dois falecidos, não, um que é o professor Graf, suicidou-se no ano passado, não recordo muito, Adelart Graf, foi presidente do DCE, depois Ingomar Brandes que foi professor na Universidade também.

B.S.R.: Nelson Budag?

M.S.: É Nelson Budag. Esta época aí eu não acompanhei. Eu comecei a acompanhar a partir de 81. Mas efetivamente fazendo parte, a partir de 83, mas foi assim num período { distinto, nesse período de 80 foi realmente a luta contra o regime militar, e o período que se iniciou em 89 com o Fabrício foi um período mais acadêmico, pela maior participação do DCE nos conselhos, pela democratização da verba, e foi um período muito proveitoso. O DCE teve alguns estadistas, que foi o Coelho, o próprio Arnaldo. Realmente lideranças petistas...e as eleições do DCE, na última eleição que foi a do João, final de 89, foram 3 chapas. O João era do PCB e foi uma disputa ideológica, era na época PCB, antigo PCB, foi uma disputa ideológica de uma chapa do PDS na época já era PPB, mas disputa ideológica, coisa muito interessante, e o DCE...

B.S.R.: Quem concorreu pelo PPB?

M.S.: Na época o candidato forte que concorreu contra o João foi o filho do Roberto Zimmermann, o candidato a deputado estadual do “burro de carga” aí. É Marcos Zimmermann, e depois, e o vice dele era o Juliano Gonçalves, filho da Dna. Dinorá Gonçalves que foi secretária da Educação do Wilson Kleinübing, é ... ideológico mesmo. E eu acho que por isso sempre fortalecia, aquele período de 89 para frente ali foi muito bonito. E hoje o DCE infelizmente perdeu as bandeiras, perdeu um pouco a sua representatividade, na época a eleição era interessante, porque o “morro”, que eram os cursos de Ciências Sociais, História, Serviço Social elegia o DCE. A turma de baixo apesar de ter mais quantidade de alunos, Administração, Economia, Contábeis é o pessoal mais de direita, mais conservador, mas que não se envolvia com o DCE. E a turma do “morro” se envolvia, tanto é que o Fabrício, João, essa turma toda aí, foram todos eleito pela turma do “morro”, que iam votar mesmo, faziam campanha, era um processo interessante. Por isso que ainda hoje existe um pouquinho dessa coisa do “morro” contra a turma de baixo, é isso.

B.S.R.: O “morro” tem uma representação ...

M.S.: Não há dúvida, os cursos da área de humanas, queira ou não queira, são mais politizados, tendo a dar um corte para esquerda, e essa turma elege o DCE mesmo, e é interessante. Tinha eleição que votavam 4, 5 mil alunos, a coisa era interessante, tinha assembleia com mil, mil e quinhentos alunos, hoje não consegue reunir 150, 200 e olhe lá. Mas é o próprio marasmo que vive esse processo, e nós fizemos em 83, puxa, agora perdi a data da história, mas nós fizemos uma assembleia, quando a FURB tinha 4 mil e poucos alunos, nós fizemos uma assembleia com mil e quinhentos alunos, nós botamos praticamente a metade de alunos numa assembleia, e tem fatos interessantes, uma das

maiores lideranças estudantis na época no período de 83/84 foi o estudante de Direito, chamado José Samuel Nercolini, ele foi presidente do Centro Acadêmico de Direito, o DACLOBE, Diretório Acadêmico "Clóvis Beviláqua". Ele tinha um dos discursos mais da esquerda dos nossos lá, e foi secretário de Justiça do Paulo Afonso agora, formou-se em Direito, voltou para Lages, e foi secretário de Justiça. E um outro companheiro, o Mundt, do centro acadêmico de Engenharia Civil, ligado ao PT, não filiado, mas ligado, que tinha nas nossas reuniões, chegava a fazer reuniões da direção do movimento com 75 pessoas dentro do DCE, mas louco, ia madrugada a dentro mas enfim. E um outro da Engenharia tinha um discurso de esquerda, quase formando, chamado João Alberto Pizzolatti, hoje deputado federal pela segunda vez pelo PPB, um cara de direita, direita, mas de direita convicto e era do nosso pessoal, cara de esquerda, alguns tinham um discurso próximo da esquerda, E aí tinha umas outras figuras que participaram com a gente, o Marcelo Greuel, foi atleta olímpico, hoje está no PSDB, provavelmente vai fazer parte do governo do Sr. Esperidião Amim, então para ver como as coisas daquele período, daquele pessoal, da minha origem ... Hoje que faz militância partidária mesmo, acho que ainda sou só eu. E o resto do pessoal acabou se conformando, ... mas, interessante, o Pizzolatti era liderança da esquerda e hoje deputado, pelo PPB que é um dos partidos mais da direita, Marcelo foi para o PSDB e assim foi, alguns outros estão no PMDB, o Nemetz veio para o PT e ... mas também não foi muito petista. Bueno. O DCE eu acho que é mais ou menos isso.

B.S.R.: Mas assim antes dessa fase ... que se faz. Uma fase no período da década de 80, que era o envolvimento das lideranças estudantis com as grandes questões nacionais com a conjuntura nacional. Tanto que na reunião dos Diretórios Acadêmicos geralmente se

tinha parte das reuniões que era a questão da discussão da conjuntura Nacional, enfim do aliamento com alguns setores em nível nacional, aí acabou se aliando com algumas centrais sindicais, enfim, etc... Num dado momento, quando ocorre a dita “abertura política” do país, as esquerdas se dividem, cada um segue um ..., um partido, embora muitos não muitos ideológicos...

M.S.: Fisiológicos.

B.S.R.: Mais fisiológicos, mas enfim, uma grande divisão, essa grande incisão na esquerda, e não na direita. Então aí existe, quer me parecer que a esquerda se precipitou e deixou de ser uma grande frente de luta, não só para democracia, mas para grandes questões nacionais, e esquecer as questões pessoais e lutar pelas questões nacionais. E depois chegamos à década de 90 e o DCE novamente vai enfrentar uma situação que é talvez apenas uma das grandes bandeiras nacionais e o PC do B não vai dar conta de conseguir, como se diz, reaglutinar as pessoas ...

M.S.: Mobilizar.

B.S.R.: Mobilizar as pessoas e voltar pelo menos as bandeiras, primeiro em nível de Universidade, dar coisa municipal para voltar para questões nacionais novamente. A gente conviveu em lugares diferentes, mas situações semelhantes, de enfrentamento, embora eu tivesse numa Universidade Federal, tu tivesse numa universidade, na época, particular, não era universidade ainda, passou por esse processo todo na mão do professor Arlindo, teve a questão dos enfrentamentos dele com o Cláudio Silva, enfim...

M.S.: Expulsou ele de uma reunião do CONSUNI..

B.S.R.: A tapa?

M.S.: Ah, também tem um fato interessante...

B.S.R.: É por isso que estou puxando essas questões, porque eu sei que tem coisas aí que...

M.S.: Quando o Nemetz era presidente do DCE, o Cláudio Silva já nos perturbava um monte, aliás o Cláudio foi eleito na chapa minha e do Nemetz e depois acabou se exonerando porque não agüentou. E eu me lembro que em uma ocasião ele veio tirar satisfação com o Nementz, e o Nemetz, o DCE era em cima da cantina, tinha uma escada bem íngreme, ainda hoje existe a escada. E os dois tiveram uma discussão, um bate boca, e o Nemetz deu um chute no peito do Cláudio, em cima da escada, ele se apoiou com as mãos assim e deu um chute no Cláudio, e o Cláudio tinha mania de fazer exame de corpo delito, ele adorava fazer isso. Esse deve ter jornal da época, e aí deu...

B.S.R.: Gostava, não, ele foi agredido tinha que fazer isso mesmo (RISOS)

M.S.: E uma outra vez o Arlindo expulsou ele de uma reunião do Conselho Universitário, eu não estava, eu não era do conselho lá na Biblioteca, a nossa Biblioteca era onde hoje é a sala de reuniões da reitoria, e pegava também a parte do Núcleo de Informática, ali naquele lado de lá, aqui era a Biblioteca. E o CONSUNI se reunia onde é hoje a sala de operação do Núcleo de Informática, a última sala, onde trabalha a Sunéia e a ...naquele canto lá. O Cláudio entrou e o Arlindo não quis que ele participasse, foi um horror!! E aí o Arlindo empurrou o Cláudio porta fora, foi empurrando, e o Cláudio foi fazer exame de corpo delito.

B.S.R.: Eu tenho o exame.

M.S.: É, tá aí é...(RISOS) Foi um horror essa história!

B.S.R.: Mas eu tenho a declaração dos membros do CONSUNI da época dizendo que aquilo tudo é verdade.

M.S.: Ah, é?

B.S.R.: Uma ata escrita.

M.S.: Sim. Eu me lembro que uma das pessoas que talvez possa te ajudar e falar dessa época, que participou muito foi o Dr. Maurici do Nascimento. O Maurici participou ativamente dessa época, o Egon eu acho que, O Egon na época ele era vice-diretor, ou alguma coisa do cargo assim na ETEVI. O diretor da ETEVI era o Fronza, Joaquim Fronza, falecido, foi reitor num período aqui na FURB, e o Egon era lá da ETEVI, e ele estava começando, tinha uns 30 anos. Egon era menino assim, mas estava começando. Aliás o Egon, eu quero registrar isso aqui, o Egon era petista filiado, mas que ele nega isso, mas era filiado ao PT e hoje não é mais.

B.S.R.: Ah, isso é verdade?

M.S.: Ele era petista da campanha para prefeito de 82, nosso candidato a prefeito do PT fez 200 e poucos votos, era o João Luiz Bernardes e a Dona Rosa... O Egon tinha um passatzinho branco, pode perguntar, passatzinho TS branco. O Egon era o único petista em Blumenau que tinha carro eu acho. Eu pegava o carro do meu pai. O Egon subia o morro com a gente fazendo campanha do PT. Ele tinha recém chegado do mestrado, de Porto Alegre, deve ter chegado em 81, por aí, década de 80, ele tinha chegado, pô, de uma Universidade onde a coisa fervia, que era a UFRGS, e ele chegou petista, ele e a esposa dele. Agora, se ele era casado? Acho que sim. E ele era petista de militância, de subir morro com a gente! Subi muito morro com ele pelo PT. Depois ele acabou seguindo a carreira acadêmica, a vida universitária, e acabou se distanciando, se envolvendo com a burocracia. Mas ele era petista! Ele nega que era petista filiado ao PT. Se ele negar eu vou achar o registro dele. Mas é verdade, eu sei porque eu era, na época,

eu já era do PT, fui tesoureiro, secretário de partido, e eu na época que eu estava entrando o Egon já estava querendo sair.

B.S.R.: Mas o TRE tem os registros de quem...?

M.S.: Certamente! Isso foi em 81 ou 82, ele era filiado, com certeza. Eu me lembro, nós tínhamos na esquerda, na universidade, naquela época, mais próximo ao PT, nós tínhamos só dois professores que eram ... José Carlos Michels, professor que morreu eletrocutado colhendo morangos, uma história trágica, esse era de esquerda, alinhava com a gente. E ele tinha um sítio onde plantava morangos, e ele ganhava dinheiro com isso. E um dia, eu não sei se ele estava regando ou ... Eu só sei que de alguma forma ele colocou a mão numa fiação elétrica e morreu torrado, eletrocutado. Inclusive na época o DCE mudou de nome, o DCE chamava-se de Diretório Central dos Estudantes, e hoje chama-se Diretório Central dos Estudantes Professor Carlos Michels. Pode ver, o DCE tem o nome dele em homenagem a ele. Ele deve ter morrido... ou não sei... em 85, 86, por aí. E o Egon era o outro professor, era outro professor mais ligado. Então para ver como o período naquela época era complicado. A FURB tinha 150, 200 professores, e tinha 1 ou 2 que tinham um porte mais de esquerda. Já nos estudantes não. Os estudantes, na época nós tínhamos várias tendências, até dentro do PT. Eu participei ativamente durante 3 anos de uma organização clandestina. Movimento de Emancipação do Proletariado, se chamava MEP na época. Hoje, depois de várias transformações, ainda existe como tendência do PT, chamada Força Socialista, grupo com o qual eu tenho algumas ligações, mas não estou organicamente ligado a eles, e na época nós participávamos dessa organização. Tinha organizado em Blumenau a LIBELU, dos trotskistas, tinha um grupo bom, o PC, o Chicão... e o nosso grupo era o MEP. Ambas

organizações clandestinas comunistas, marxistas, a LIBELU, era altamente trotskistas e o nosso grupo era marxista-leninista. E nós fazíamos discussões interessantes, e soltávamos panfletos em lugares pobres, pichávamos muro. Numa ocasião... em que ano foi isso? Em 83, 84, o Reagan era presidente americano. E ao lado da nossa cantina tinha um muro, onde hoje é o morrinho lá do DAC, aquela região, tinha uma transportadora ali do lado. E tinha uma parede ali bem grande que dava para o lado aqui desse "boulevarzinho", desse pátio da cantina, ali uma parede enorme. E aquela parede a gente adorava pichar. Tinha algumas madrugadas que ela amanhecia diferente. Em uma ocasião, na época em que o Reagan veio para o Brasil, e nós fomos pichar o tradicional "Yankee go home" e alguma coisa assim. E era uma umas duas horas da madrugada, alguma coisa assim, eu tinha uma moto, eu tinha uma 125, e nós estávamos pichando. Estava eu e o "PC", o "PC" era um estudante de engenharia e que hoje mora no Uruguai, casou-se com uma professora nossa, a professora Gabriela eu acho, e eles moram no Uruguai. Também era agitador de esquerda, participava da LIBELU, ele era trotskista, e eu com aquela moto e ele estava com a latinha de *spray* pichando. Eu ficava na moto, com a moto ligada, e ele ficava ali pichando a parede grande "Yankee go home" e "Reagan fora!" alguma coisa ... E nisso veio um fusquinha da Rádio Patrulha entrando por aquela rua... Por que na época tinha acesso reto na frente do DCE. Hoje não tem mais, tem aquele ponto de ônibus, mas na época tinha o acesso. Tanto é que a gente entrava e saía por ali, e a polícia veio por ali! E o cara pichando e a polícia chegando! Aí foi uma bagunça. Ele conseguiu montar em tempo, obviamente a minha moto não tinha placa, ele era tirada estrategicamente. Aí ele subiu e a gente conseguiu fugir, e a polícia

tentou vir atrás de nós... Foi uma bagunça! E a outra vez nós pichamos na parede do bloco C ou bloco D, eu não me lembro..

B.S.R.: (RISOS) O crime já venceu?

M.S.: O crime já venceu, já prescreveu. Nós pintamos eu acho que foi no bloco D, se eu não me engano, na parede pintado bem grande assim: “fora Arlindo!” foi na época da ditadura. E aí a FURB amanheceu com a parede “Fora Arlindo!” bem grande. Mas aquele não foi eu que pinteí, eu participei, mas não estava com a tinta na mão. (RISOS) Mas é verdade!

B.S.R.: Mas quem é que pintou?

M.S.: Eu não me lembro! Sério, eu não me lembro! Foi uma turma do DCE. Mas olha, não deu meio-dia já estava branquinho, o “Fora Arlindo!”. E fora as faixas que nós fizemos. Isso até foi interessante. A gente fazia umas atividades um pouco mais divertida. Teve uma também... Isso tem um jornalzinho da FURB. Teve um ano que nós tivemos uma greve, numa ocasião, eu acho que foi 83, talvez 82, eu me lembro que a Beate estava grávida da Stefanie, um barrigão assim, e nós compramos cadeados. E para impedir que os alunos entrassem na universidade nós trancamos a entrada do bloco G e a entrada do bloco A com cadeado. Tem foto dessa no jornal da universidade. Procura que está lá, nesse jornal, chamava-se vitrine, acho que ...

B.S.R.: É quem criou foi o professor Arlindo?

M.S.: É, e a assessora de imprensa era a Maristela Deschamps. Tem uma história dela bem interessante.

B.S.R.: E a Beate, que posição ela tomava?

M.S.: A Beate era de direita: a Beate, por diversas ocasiões manifestou que o Arlindo Bernart, era o candidato dela a prefeito. Várias vezes! A Beate era de direita, de direita. Eu me lembro que na ocasião, naquele dia que nós trancamos a universidade com cadeados, o Lorival Beckhausen, um dos maiores ícones de direita na universidade, fez um escândalo lá em cima, lá no bloco A, e aqui em baixo a Beate queria ... A Beate dava aula de física na ocasião, ela estava grávida, então foi início foi início de 83, porque a filha dela nasceu em maio de 83, deve ter sido ... ou fim de 82. Ela tentou arrombar a janela, já que nós trancamos a entrada, e ela foi na janela, e nós do lado de dentro fazendo assim para ela... Puta, foi um horror, foi uma época...(INTERRUPÇÃO)

M.S.: Onde é que nós paramos?

B.S.R.: Na Beate tentando abrir a janela.

M.S.: E ela conseguiu, abriu a janela...acabou a fita?

B.S.R.: Ela está trocando a bateria, a filmadora foi comprada e não veio o cabo.

M.S.: E agora?

B.S.R.: Não, beleza. Vamos no radinho, porque a gente faz um pouco de imagem, não precisa ...

M.S.: E... ela conseguiu entrar, e foi interessante! Acho que o DCE, basicamente é isso aí. Pode eventualmente surgir outro fato. Mas eu acho interessante falar um pouquinho da ASEF, da APROF, do sindicato.

B.S.R.: Com certeza! Mas antes... é que eu queria esvaziar essa questão, limpar essa questão. E a questão da bomba? Foi feita uma investigação?

M.S.: Foi! Houve na época uma desconfiança de que teria sido um aluno da Engenharia Química. Nós tínhamos na época um aluno de Engenharia Química que gostava de fazer

umas experiências mais estranhas assim. E a suspeita recaiu sobre ele, mas nunca houve uma investigação conclusiva. A não ser que fosse do nosso conhecimento, não houve nada. Mas na verdade é uma história estranha, porque a bomba explodiu, quer dizer, no dia da votação das diretas e de uma forma estranha... de uma forma estranha. E logo apareceu polícia, aqueles famosos peritos da polícia militar, com as vassourinhas...uma estupidez. E nunca acharam nada, e não houve nada...

B.S.R.: Agora provavelmente também não se consiga saber quem é ?

M.S.: E não vão achar. Isso aí... Lumpf! Isso é alguém que... é um maníaco! Isso para mim é coisa de maníaco! Certamente é coisa de maníaco!

B.S.R.: Até porque nessa eleição ainda nós trancamos com uma situação, e algumas pessoas não gostaram quando eu disse que “bomba” é uma coisa de direita, guerrilha é uma coisa de esquerda. Porque movimento social é uma coisa de esquerda, só que bomba não tem... não sem assumir responsabilidade por um movimento.

M.S.: Mas o fato como ocorreu. Porque a campanha similar a do impeachment. Aliás a campanha do impeachment, isso foi em que ano? Em 92? O impeachment foi em 92. O presidente do DCE na época era o Arnaldo, e foi uma outra época de intensa mobilização. O DCE na época..

B.S.R.: Mas sem bomba?

M.S.: Não, sem bomba! E na época do impeachment, era o preto, a cor era preta: “use preto e fora Collor!” e coisa e tal. E eu me lembro...Outra história interessante do Egon. Eu me lembro que na época nós tínhamos uma grande campanha do “Fora Collor”, na época não tinha o sindicato ainda, era ASEF, APROF e o DCE. Em época tanto a ASEF quanto a APROF faziam o papel da entidade sindical mais ou menos... E foi interessante

o que nós fizemos... Foi contactado um carro de som, para o dia marcado, para o ato público do "Fora Collor", e nós fizemos uma passeata, com o caminhão de som na frente, até na rua XV, na Igreja Matriz, ali para fazer a concentração final. E foi a maior passeata que eu tenho lembrança na história de Blumenau. Nós reunimos seguramente 1.500 alunos nessa passeata. Isso deve ter registro no DCE, provavelmente eles devem ter. Nós saímos aqui da biblioteca, e fomos até a Igreja. Eu me recordo que eu na passeata, fiz a caminhada ao lado do Egon. O Egon na época era diretor do Centro de Ciências Jurídicas... não, Exatas e Naturais, Centro de Ciências Exatas e Naturais, perdão. E ele fez a passeata vestido todo de preto, de camiseta preta, daqui até lá no centro. E lá no centro, eu me lembro que eu fui um dos oradores, inclusive, eu acho que foi o segundo maior ato público de Blumenau. O primeiro foi a greve dos têxteis em 89, aquela fase quente, onde eu participei daquele ato. Lá havia seguramente 20 mil pessoas. A Rua XV estava completamente trancada, foi impressionante. E esse ato público af do impeachment, o carro de som ficou em frente a igreja, mas virado em direção ao Bude, ao Tunga. Tinha tanta, tinha pessoas entupindo aquele lugar, eu não sei quantos estiveram lá. E o Pedro II ! Os alunos do Pedro II abandonaram a escola e vieram para o movimento, interessante, durante o movimento o povo do Pedro II, aqueles estudantes secundaristas chegando. Então, quem fez o movimento do "Fora Collor" foi efetivamente o movimento estudantil. E aqui na FURB foi uma época que deu uma levantada. Também foi rápido e acabou sendo uma coisa um pouco despolitizada. Porque a coisa ficou sendo em nível pessoal, "Fora Collor", quer dizer, a luta era contra o Collor, e não uma luta ideológica, atitude ideológica, contra um modelo que o Collor estava começando a implementar, etc. Enfim, não se aproveitou o movimento para fazer uma

luta ideológica. Infelizmente! Mas também foi um momento interessante. O presidente do DCE na época era o Arnaldo, e ele logo depois saiu para ser candidato. Aliás, dos presidentes do DCE, ou das lideranças estudantis, o Arnaldo hoje é vereador, foi presidente do DCE, o Pacheco, que também é vereador hoje, foi vice-presidente do DCE, se eu não me engano na gestão do Júlio Castellain em 93. E o Vanderlei, que foi presidente do DCE, hoje é suplente de vereador. O João que foi candidato a vereador, ou seja, todo esse pessoal do movimento estudantil de alguma forma teve alguma história de eleição, acabou participando... o Nemetz quis ser candidato a deputado, nessa última eleição agora. Então o pessoal acaba tendo algum envolvimento. Mas militância partidária, daquele que é mais ativo, que está aí, que continua lutando pela esquerda, são poucos. Alguns são do movimento sindical, mas na luta partidária são poucos. O que falta no DCE hoje é aquela velha noção de luta popular. Não há mais nada que aglutine os alunos, e há uma certa institucionalização do DCE. O DCE hoje se porta muito como entidade burocratizada e coisa e tal, e perdeu um pouquinho aquela coisa de clandestinidade, aquela coisa gostosa de fazer o movimento. E claro, algumas maneiras..

B.S.R.: Época de mudanças.

M.S.: Eu... veja o seguinte. Para mim é claro... Lógico que a gente aqui no sindicato também não consegue fazer mas... Da mesma forma, isso para mim, da mesma forma que no início dos anos 80 nós fazíamos a luta contra a ditadura... e militar, eu acho que a grande bandeira hoje é a luta contra o neoliberalismo. Eu acho que essa deve ser a grande luta da esquerda hoje. A luta conjuntural e tudo mais. Mas infelizmente não se consegue isso porque se tem que primeiro atender a demanda da sobrevivência, que é garantir o

emprego, garantir... enfim. Quer dizer, a sociedade não consegue transcender e fazer a luta conjuntural.

B.S.R.: Mas na década de 80 também não tinha que se garantir a sobrevivência?

M.S.: Tinha que garantir a sobrevivência, mas tinha uma outra questão, tinha 20 anos de massacre, tinha uma outra questão, é especial para nós mais de esquerda, comunistas, nós passamos um grande período na clandestinidade. Eu, apesar de jovem, eu sou de 62, eu cheguei a participar de uma organização clandestina. Não que eu tinha documento falso, eu recebia as cartas, vinham para minha casa, com nome falso. Falso para todo mundo que... A minha família não sabia, o meu pai e minha mãe não sabiam. O meu pai e minha mãe vieram a saber que eu participava de uma organização clandestina quando eu já era casado. Particpei de uma organização, mas já no período não tão agudo. Eu comecei participar em 80. Quer dizer, é usar o movimento estudantil como de alguma forma... em direção aí de um processo revolucionário. Isso para nós era bastante claro. Na época o movimento estudantil para nós era uma forma de fazer o processo revolucionário. Era um espaço de luta. Quer dizer, a organização onde eu participava, e mesmo no grupo onde a gente atuava, era até certo ponto revolucionária. Nós apostávamos no processo revolucionário, inclusive contra processo burguês aí de eleições etc. Isso para nós era muito claro e nós tínhamos convicção nisso. Nós tínhamos convicção de, por exemplo, a luta, a luta pelas diretas, não era só a luta pelo direito de voto. Na nossa opinião o voto estava colocado da forma burguesa de fazer democracia. Nós aproveitávamos claramente o movimento das diretas não só pela luta da democratização, mas para fazer combate, claro, a direita militar. Ela era no contexto evidentemente a grande massa, ela fez a luta pela diretas para garantir o direito de voto. E... mas, nós fazíamos por algo mais. Era o

combate, a disputa ideológica. E isso foi no "Fora Collor" que a gente conseguiu fazer essa discussão. Infelizmente o movimento estudantil hoje, a UNE, está desmoralizada. A UNE hoje fica fazendo carteirinha. Isso é o fim da picada. A UNE hoje é uma instituição reconhecida pelos alunos como aquela que faz carteirinha para garantir meio passe de ônibus, cinema, teatro, festa, aí... É uma tragédia! E a UNE, que eu acho que é a instituição que mais lutou contra o regime militar, foi mais combativo, revolucionário... Então... me recordo que no congresso da UNE que eu estive, o de 82, umas das pessoas que fez a abertura, o discurso de abertura, no qual eu chorei muito: O José Serra foi o último presidente da UNE antes do golpe. Inclusive, na gestão, eu não sei se foi na do Serra ou na anterior, o meu primo era um dos 5 vice-presidentes. Tinha 5 vice-presidentes. O meu primo foi um dos vice-presidentes. O meu presidente desapareceu aí alguns anos. Depois reapareceu, acabou terminando o curso, e hoje ele é radialista em Rio do Sul. Mas o Serra, ele tinha recém chegado do exílio, não sei para onde ele se exilou, acho que foi no Chile, junto com o FHC, e ... ele fez um discurso lá que foi um discurso que fez a gente chorar, foi muito lindo! E ele então fez o discurso de abertura, mas ele estava na abertura, eu não me recordo bem ao certo. E fez um discurso assim ... , voltado para a esquerda, e o Serra eu acho que é uma das pessoas que ainda tem uma noção mínima, pelo menos, do que seria as questões sociais. Mas na época ele tinha um discurso de esquerda. O José Serra e outros que fazem parte aí...

B.S.R.: Tanto que a questão da saúde saiu do noticiário.

M.S.: É, verdade. O José Serra foi o último presidente da UNE antes do regime militar, mas ele continua aí numa certa trajetória de respeito. E o DCE ... Eu me lembro que nesse congresso estava o José Dirceu, hoje presidente nacional do PT, o José Dirceu foi

presidente da UNE. Essa turma toda... Genófnio. O Genófnio, ele pegou a fase mais pesada da UNE, quando ele era clandestina mesmo, foi em 68, naquele tempo eu era menino ainda. E o Genófnio fez a guerrilha do Araguaia, ele era do PC do B. E a organização da qual ele participava, o PC BR era a organização do qual participava o José Garcia do PT aqui de Blumenau. E a gente tinha na árvore genealógica dos movimentos clandestinos brasileiros, o movimento do qual eu participava tem a mesma origem ... que a origem da organização que eu participava, anteriormente ao PT era o PC do B, é interessante. Mas hoje em dia as tendências, hoje em dia eu não sei mais nem como é que estão, eu não sei mais como funciona essa coisa da UNE, eu só sei que a UNE hoje é uma instituição totalmente desmoralizada, infelizmente. Eu nem sei quem é o presidente, como funciona. O último teve até um pouquinho de sorte, porque foi o Lindemberg Farias, que pegou aquela época de...

B.S.R.: Se apropriou da questão do Impeachment e acabou usando a própria...

M.S.: Acabou se elegendo deputado federal e agora disputa a reeleição pelo PSTU, ele saiu do PC do B, foi para o PSTU. Teve uma cotação extraordinária, quase 100 mil votos, mas não teve legenda. E depois eu não sei mais quem foram os presidentes da UNE. Eu nem sei quem agora é um tal de Ricardo, que eu acho que é de um curso de...

B.S.R.: É que ficou preso à questão do Rio de Janeiro, na verdade, das Universidades, e que não houve uma mobilização nacional, e se perdeu alguma coisa.

M.S.: E na realidade, o que que acontece aqui na FURB. Hoje o DCE se perde aí, até mesmo pela situação de discussões pequenas, as grandes lutas são colocadas de lado, e eu acho, não sou aluno, mas eu imagino que nem a metade dos alunos da universidade não tem a mínima idéia do que seja o DCE, ou quem faz parte ou quem é...

B.S.R.: O presidente. Ou de quem compõe o próprio DCE. Mas eu posso te dizer que no início dos anos 80 até o final, naquele período ali até o final, o pessoal podia odiar o DCE, mas sabia quem era, o que fazia, o que queria.

M.S.: Meu Deus! O pessoal sabia. Claro, um ou outro sempre...Mas a FURB, quando eu entrei a FURB tinha 12 cursos, então a disputa era clara, e tinha um diretório acadêmico por centro: Tinha o de Direito, o DACLOBE, o da Educação Física, o DAEF, aí tinha o da Engenharia, de Ciências Econômicas, tinha uns oito ou dez diretórios acadêmicos. Os diretórios eram fortes também, o DACLOBE principalmente. Com as eleições o DACLOBE chegou a ter 4 chapas, 3 ou 4 chapas, era acirrado. E era muito mais participativo, era interessante, tinha debates, entre candidatos. Hoje pelo que me consta, nas últimas 3 eleições, foi chapa única, pelo que me parece, ... tenho certeza, parece que foi chapa única! É, e a eleição, eu não vi nada de comunicação. E agora eles voltaram a ser presidencialistas. Eles eram parlamentaristas e agora voltaram a ser presidencialista, há uns três anos atrás. Ficaram sem bandeiras, não é, e não fizeram a disputa é...assim, entre os alunos, a comunicação, o debate ideológico, e aí a coisa está ruim. O DCE infelizmente... E a tendência do movimento estudantil é ficar preso a questão burocrática do dia-a-dia se não houver uma... Porque hoje assim, ó... a luta principal deles, não é, que podia ser as lutas pelas mensalidades, é uma luta..., pela redução das mensalidades, é uma luta que na conjuntura não vai conseguir avançar, sem dúvida! A luta pela democratização da universidade, é uma luta constante, mas na FURB, veja bem, nós avançamos sobremaneira. Sobremaneira! E aí é uma coisa que eu sempre digo. Eu acho que a maior virtude que a FURB tem, a maior virtude de todos os seus problemas, a maior virtude que a FURB tem é o seu espaço democrático. Isso eu garanto! Não existe

universidade, ao menos municipal, na mesma ambição acadêmica da FURB, que tenha tanto espaço democrático quanto a FURB. Tem um monte de problemas, está certo, mas o espaço democrático que existe ... Eu vou dar um exemplo de espaço democrático que é o DAE, o apoio ao estudante, que é um órgão institucional da FURB, da universidade, mas onde os alunos participam abertamente. Mesmo de uma forma geral, o sindicato, as associações, o espaço democrático que a FURB garantiu hoje... A FURB é a única universidade do Brasil onde a eleição direta sem lista tríplice, sêxtupla ou o que for, está prevista no estatuto. A eleição direta é estatutária. É a única do Brasil onde isto está previsto.

B.S.R.: Não tem nenhuma outra atualmente?

M.S.: Não! É a única onde...

B.S.R.: Se bem que não é a primeira!

M.S.: Não, é a única! E sem lista, sem nada. Quer dizer, o prefeito recebe, o que a gente combate é a forma como é feita a eleição, esse peso desgraçado aí, que infelizmente perdemos um pouco. Mas, fora esse detalhe, não é um detalhe, é uma coisa importante, é impressionante você garantir aqui na universidade que tenha no seu estatuto essa regra. Foi aquilo que nos anos 80 nós lutávamos, nós conseguimos a tal da consulta prévia, mas ainda existia a lista sêxtupla. Tinha... E a gente conseguiu garantir que o Conselho Universitário mandasse para o prefeito de Blumenau que nomearam os reitores, passam para frente. O Arlindo ainda era fora, mas o Tafner, o Celso Zipf, o Mércio e o Egon agora, todos foram os mais votados. E o prefeito... Acho que nem passa pela cabeça de um prefeito não nomear o mais votado. Aliás, se isso acontecesse eu acho que seria uma das bandeiras interessantes para o movimento estudantil. Talvez fosse uma bandeira

para... Mas evidentemente isso não acontece. Então a grande virtude da FURB é realmente o seu espaço democrático ... E agora, eu posso te dizer ele foi conquistado de 82 para cá. O período mais forte de democratização da universidade no início com o Celso. O grande mérito do Celso Zipf foi esse. Se por um lado ele embarrigou algumas decisões importantes, como o regime jurídico único de universidade, o plano de carreira, que ele conseguiu habilmente embarrigar, e que o Mércio acabou envolvendo, é... o Celso abriu os espaços democráticos. De uma forma lenta, gradual, e à base de muitas concessões, mas ele abriu. O Celso é que abriu o processo de concessões. Um processo inédito que nós instalamos na época, em 91 a ASEF, APROF e DCE fez uma negociação conjunta com os salários e mensalidades. Isso foi um processo inédito no Brasil. Eu andei o estado inteiro dando palestras sobre esse assunto. Foi o primeiro passo para a democracia. Acho que o Mércio consolidou, e o papel do Egon eu acho que é radicalizar...algumas instâncias democráticas aí. Eu acho que o problema da democracia não é nem a quantidade, é a qualidade. Eu acho que hoje infelizmente os principais Conselhos da universidade,, o CEPE, o CONSUNI, especialmente o CONSAD, muitas vezes o CONSUNI, infelizmente ainda tem uma grande participação de pessoas conservadoras na entidade, aqueles velhos medalhões, figurões e etc. São pessoas que ainda dominam. O CEPE especialmente é um órgão que dá muito trabalho, qualificar esse pessoal. E tu vai qualificar esses conselhos, e vai dar uma com mais democracia com eles, na medida em que tu vai qualificar o próprio corpo docente. Quando eu entrei na FURB, a FURB tinha 2 doutores. Mestres eu não sei, mas eram poucos. E hoje já... eu acho que esse principal é a questão da democratização. E eu acho que esse salto na qualificação que está se dando aí, eu acho que são os avanços que mais me chamam a atenção. Não é

área física essas coisas. Mas eu acho que esses dois são o que mais me chamam a atenção. Tem a ASEF e o sindicato também.

B.S.R.: Eu sei, mas isso a gente pode falar num outro dia também. Mas vamos começar a dar conta dessa passagem. Aí tu entrou aqui em 82,

M.S.: 81

B.S.R.: Fizeste, começaste Engenharia, depois foste para Economia. Aí terminaste Economia?

M.S.: Não, mas antes virei funcionário. Acho que era...

B.S.R.: É aí que eu quero chegar.

M.S.: Então foi o seguinte: Eu era vice-presidente do DCE, estava terminando o mandato, quando deu enchente, a enchente de 83. O mandato ia de outubro a outubro, e a enchente foi em julho do ano que nós estávamos. E quando acabou a enchente a cidade estava arrasada, foi assim uma coisa absurda, só quem estava aqui para saber. E a FURB, na época decidir de que deveria intervir nesse processo de reconstrução da cidade coisa e tal. E um grupo de professores entendeu de que o que faltou na ocasião da enchente, foi informação para população. Tanto é que muita gente perdeu móveis, coisas etc, porque não tinha informação até onde a água ia chegar, não tinha previsão do tempo, não tinha nada. E aí que se decidiu criar o grupo de professores, liderados pela Elisete, os grupos de pesquisas chamado de Projeto Crise. O antigo Projeto Crise que durou muito tempo. Eu na época, fui indicado pelo DCE para participar das discussões de criação do projeto crise. E quando terminou a minha gestão no DCE, eu fui bolsista, eu fui ser bolsista no Projeto Crise, isso em 83, novembro de 83, eu fui bolsista. Aí eu comecei a ser bolsista da FURB, trabalhei no Projeto Crise e um tempo na Biblioteca

Central, nos periódicos. Aí eu fiquei no Projeto Crise até janeiro de 85. Em janeiro de 85 ... quer dizer, eu fui convidado a ser funcionário em 21 de novembro de 1984. Eu não esqueço esse dia, porque era o dia do meu aniversário, 21 de novembro de 1984, eu era bolsista ... O projeto já estava estruturado, já fazia a previsão do tempo, essas coisas. E eu trabalhava, na época, de manhã, como bolsista, e à tarde eu estava indo para aula coisa e tal, e a universidade ... mas chovia, barbaridade, chovia! E eu entrei no IPA, no Projeto Crise, a Beate já era a coordenadora. A Elizete tinha saído para fazer mestrado, ou doutorado, e eu abri a porta e a Beate olhou para mim e disse: “como é que tu sabias que eu queria falar contigo?” “Eu não sei, eu vim aqui para ver como é que está a chuva, se vai dar enchente ou não”. Aí ela disse: “não, porque eu falei com o Bráulio hoje”, e o Bráulio era o vice-reitor, o Arlindo era o reitor e o Bráulio era o vice - “eu quero te contratar como funcionário, como bolsista não dá mais”. Aí, como eu era dirigente estudantil, eu logo ... Bom, o Arlindo não queria, de jeito maneira ... mas o Bráulio ...

B.S.R.: Mas você já tinha feito assim com a Beate?

M.S.: É, eu tinha feito com ... foi em 83, no início de 83, isso. Ela acabou entendendo, eu fiz um pacto com ela. Aí quem bancou a minha contratação na FURB foi o Bráulio Schloegel. E o Bráulio tem uma formação um pouco mais de esquerda, quando ficou velho acabou ficando de direita, mas ele tinha uma formação um pouco mais à esquerda. E ele bancou. O Arlindo Bernart não queria bancar a minha contratação, e a assessora de imprensa dele também não queria. Mas acabei sendo contratado, a decisão se adiantou por causa do Natal, e eu comecei a trabalhar no dia 15 de janeiro de 85. Comecei como funcionário. Eu já conhecia o **Olívio Pereira**, que já estava ... Aí eu comecei ... assim, primeiro eu fiquei mais quieto, mas desde o princípio eu senti que a relação dos

funcionários com a FURB, era uma relação estrábica, era uma coisa inexplicável. Eu me lembro, vou me lançar um pouco na história naquela época, em 86, isso eu me lembro porque eu estava aqui, quando nós tivemos a luta pela retirada do Arlindo, os alunos acho que eram em torno de 4 mil, já tinha um corpo grande, os funcionários, nós já éramos uns 300 e alguma coisa, mais ou menos o mesmo número que nós temos hoje nós já tínhamos na época. E eles tinham uma entidade chamada ASEF. A ASEF foi criada em junho de 84 para reunir professores e funcionários. Mas os professores mantinham uma distância dos funcionários, a separação entre os dois era uma coisa violenta. Tanto é que quando o Tafner tomou posse, em outubro de 86, depois daquela briga maravilhosa que nós tivemos aqui, ele chamou uma assembléia no auditório do bloco E, com todos os funcionários. Ele chamou a assembléia para agradecer e, durante a assembléia, ele pediu para que nós funcionários fôssemos bons funcionários e, que nós funcionários não nos misturássemos com os professores. Professor é professor, funcionário é funcionário. E aí veio professor dizendo assim: "olha, vocês, serventes, quando estão varrendo o chão, não falem com os professores". Ele falou em 86, em outubro de 86 no auditório do bloco E! Eu acho que foi aquele dia que eu ... que o meu coeficiente de indignação estourou. Eu fiquei indignado! Mas eu na época ainda fazia militância partidária e tinha um resquício do movimento estudantil. Mas enfim, aí eu fiquei ... Aí eu me casei! Eu tinha na época recém me casado. Enfim, eu fiquei meio de fora. E a ASEF teve como presidente, o primeiro presidente, o Lorival Bürguer, depois o seu João, que era chefe da divisão de finanças, já é falecido, não sei se tu chegasse a conhecer. Depois foi o Paulo Schmit, que hoje trabalha ali no estágio de direito advogado. Depois foi o Renato Rebello, trabalha no NI, trabalhava no NI. Depois do Renato, no início de 89, eu resolvi

me candidatar. Teve um grupo aí que me pressionou, coisa e tal, e eu resolvi ... Aí já tinha a APROF! O presidente da APROF era o Milton Pompeu da Costa Ribeiro, anterior a ele tinha sido a Gertrudes Ribeiro, que era a pró-reitora de pesquisas. E eu fui eleito presidente da ASEF, e digo, foram os 2 anos mais memoráveis da minha vida. Foi assim... Porque a ASEF era uma entidade recreativa, esportiva e cultural, extremamente atrelado a reitoria. Tanto é que o seu João era chefe da divisão de finanças e presidente. E o Afonso Heimann, que era o chefe dos recursos humanos antes do Artur, também participava. E eu me lembro que assumi, a primeira vice foi a Marta. A Marta foi a minha primeira vice-presidenta. A Marta estava grávida na época, inclusive. E a gente assumiu, e eu, no dia da ... Na época a eleição era por assembléia. A assembléia elegia e já dava a posse. E no meu discurso de posse eu disse para um camarada lá que "olha, eu não vou fazer festas, se vocês quiserem eu faço, mas eu quero transformar a ASEF em entidade sindical". Eu disse isso no discurso de posse, porque não é possível que nós não tenhamos um sindicato! Na época, quem balizava a nossa data-base era o sindicato dos professores do Estado de Santa Catarina, SIPROESC, e nós, funcionários, éramos ligados ao FETEESC, Fundação dos Trabalhadores das Entidades de Ensino Superior de Santa Catarina, que é a entidade mais pelega que eu já vi na minha vida. Era o antigo sindicato de Blumenau. Nós não tínhamos um movimento sindical. O movimento do DCE era forte e ... na época era forte. E aí eu assumi no dia 24 de abril de 1989. O mandato era de Lano. Aí eu fiquei 90 e 91. Fiquei 3 anos. Fiquei 3 mandatos. Fiquei de abril de 89 até abril de 92. Quem me sucedeu foi o Gérson Luiz de Souza, hoje está na biblioteca. Depois dele veio o Nelson Moura, e depois o Anderson que está no 2º mandato. Mas quando eu encerrei o meu último mandato eu mudei o estatuto e o meu

sucessor já ficou durante 2 anos. Então foi até 94, foi o Gérson, até 96 ficou Nelson Moura, e agora o Anderson está no 2º mandato. Está começando o segundo semestre. Mas na ocasião foi assim, na época de ouro em nível dos funcionários. Eu fiz uma assembléia, em ata, deve estar lá na ASEF, uma assembléia com 215 funcionários dentro do auditório. Só funcionários, ou ASEF é só funcionários e a APROF só tem professores. Foram 215 funcionários na assembléia! E foi aí que começou, porque os funcionários na ocasião ganharam mal, nós não tínhamos plano de saúde, não tínhamos assistência, não tínhamos nada! Estávamos entregues à própria sorte, era uma tragédia! E os professores... Era uma coisa assim impressionante. Aliás de mal pagos, os professores ganhavam mal, os funcionários ganhavam mal, não tinham nada! Eram jogados a própria sorte! E aí que nós começamos. E eu dei sorte que no primeiro mandato ou no segundo mandato, o João foi eleito presidente do DCE, em fins de 89, quando eu estava no meu primeiro mandato, e o Valmor Schiochet foi eleito presidente da APROF. Nós tínhamos reuniões até de madrugada para tirar tarefas. Uma tarefa era tomar DCE com o João e a outra era tomar APROF das mãos do Pompeu. E o Valmor foi candidato, foi candidato e derrotou o Milton Pompeu. O Valmor ganhar do Pompeu foi radical demais. E aí que surgiu o famoso trio que o pessoal chamava de "Três cubanos" . era o Valmor, eu e o João. Eu usava barba na época, tinha uma barba grande. Aliás, eu tirei a barba...a minha barba era enorme...eu tenho fotos aqui, depois eu mostro para vocês. Uma barba enorme assim. E eu tirei a minha barba no dia da posse do Mércio Jacobsen como reitor, naquele dia que eu tirei minha barba. Quer dizer, a posse era na segunda e eu tirei no sábado. Portanto foi em outubro de 94, faz quatro anos agora. E tínhamos nós três. Naquela ocasião, no final de 89, a esquerda, o PT, simplesmente tomava conta das três entidades.

E essa foi a grande ruptura política dentro da universidade. O DCE com o João Krein, que na época já estava junto com o PT, o Valmor que era petista, o Marcel que era petista, descaradamente “comunistas”, nunca esconderam isso de ninguém, militantes do PT mas... E foi interessante! E aí foi uma época onde fizemos muita coisa. No ano seguinte, em 90, lançamos o Ávila como reitor contra o Celso Zipf. Foi um movimento... “Universidade Urgente”, chamava-se “Universidade Urgente”. A FURB urgente é a ... Isso foi em outubro ... em setembro de 90, ou fins de agosto, setembro de 90, e o Ávila representava essas três entidades. Tanto é que nós fomos ao 2º. turno com o Celso. Eram 3 candidaturas: era o Celso, o Ávila e o Wilson Lang. O Wilson Lang montou uma barraquinha no bloco G, e tinha assim: “vote no Lang e tome um Tang” “Aí tinha jarra daquele suquinho tang. Lembra o tang, aquele? (RISOS) era assim! Era extremamente politizado, ele distribuía tang para os alunos: “vote no Lang e tome um tang”. Aí teve o segundo turno entre o Ávila e o Celso, e um grande número votou no Celso. Mas essa época era muito boa, era o trio, aí dos três barbudos, os três cubanos. Nós criamos naquela época uma amizade fraterna que dura até hoje. Mais eu e o João, o Valmor também. Naquela época ele teve que sair para o doutorado, eu e o João temos uma amizade daquele tempo. E aí, esse processo de eleição do Celso foi interessante. Eu acho que ali no Celso, após a eleição do Celso, foi uma disputa muito ideológica, foi muito mais ideológica do que a do Egon contra o Celso. Porque o Egon, a eleição do Egon na verdade é uma grande aliança que vai desde o Sasse, passando por um monte de gente até... mas enfim, foi colocando ali. Mas na época não! A eleição do Ávila era uma chapa do PT! Não tinha, era puro mesmo, era puro. Tanto é que as bandeiras que nós colocamos em 90, na chapa do Ávila, a grande maioria, hoje está consolidada. Ou seja, a

nova visão da universidade em 90, que a gente colocava, que na época era uma loucura, era revolucionário, hoje está tudo praticamente consolidado. Uma das nossas bandeiras principais era a eleição direta para reitor, no estatuto. Pimpa, está aí hoje! E outras questões, aliás, eu tenho em casa os programas. Eu tenho tudo lá, posso buscar para vocês verem. Quem tem isso também é o Bráulio Schloegel, que deve ter isso. O Bráulio tem um arquivo maravilhoso. Mas eu tenho isso tudo em casa, com umas fotinhos, essas coisas eu tenho tudo guardado. E foi uma disputa muito forte, muito ideologia, teve muita briga. Eu me lembro que o João e o Celso Zipf, na noite anterior a eleição no segundo turno, quase saíram a soco na entrada ali do bloco E. E quem redigiu o programa de governo do Celso foi um professor de Biologia, Egon Schramm. Nós fomos conversar com o Egon, na época ele tinha recém, recém não, mais ainda tinha algumas possibilidades também. Nós fomos conversar com ele, e fomos implorar para que ele não fosse para o Celso, e ele disse que não podia porque ele apesar de gostar muito da gente, ele achava que nós não tínhamos capacidade para governar, não tínhamos quadros etc, etc. E em 90 o nosso candidato, que eu defendi inclusive, era o Leal, um professor do curso de Direito. Nós acreditávamos que o Leal na época ele tinha pelo menos um discurso de esquerda, tinha mais consistência. Mas ele acabou sendo pressionado por forças estranhas, ou não estão estranhas assim, e acabou não dando certo. Mas a eleição do Ávila foi importante, e o Celso teve grandeza política para, vencendo as eleições, nos chamar para conversar. E foi aí que que iniciou a gestão dele em 90. Ele teve a sorte de ter o João como presidente do DCE, um estadista, o Valmor, e a gente aí começou a desenvolver uma relação com o Celso ... uma relação interessante. Uma relação até proveitosa. O Celso tem muita habilidade política, sempre teve muita habilidade política,

e construiu uma relação legal com a gente. Tivemos alguns conflitos, principalmente depois da gestão do Coelho. Tivemos alguns conflitos, mas foi interessante. E depois da eleição do Mércio foi um pouco diferente, aí já se concluiu uma aliança também. Essa aliança na época foi procurado por mim e pelo João. Eu e o João os procuramos. Porque o Arlindo veio como candidato, e o ele era candidato de direita. E o Mércio tinha feito uma gestão muito boa na pró-reitoria de administração, a qual chamavam superintendência de administração. E do nosso eu queria ganhar como candidato, pela 2ª. vez. E aí eu me lembro que na noite que nós decidimos que o Mércio ia ser candidato, era um grupo de umas 15 pessoas, foi uma reunião lá no IPA, estava o Egon, estava o Mércio, estava o João, o Grando, o Ávila, o Ivo Theis.

B.S.R.: Foi você a única pessoa que votou no ...?

M.S.: Ah, no Mércio, aí acabou sendo o Mércio. E aí é uma passagem da história um pouco sádica. O Egon desde o começo desde 86. Que o Egon é o seguinte: Ele foi eleito em 86 diretor do Centro de Ciências Exatas e Naturais e foi reeleito em 90, e aí em 94 foi indicado vice. Em 86 quando o Egon estava começando a 1ª. gestão do Centro de Ciências Exatas e Naturais para mim já era claro que ele tinha que ser reitor da FURB, eu já tinha isso claro. Que era a pessoa mais preparada e nunca neguei, nunca escondi isso de ninguém.

B.S.R.: Como a primeira vez que eu falei com ele?

M.S.: Na entanto, isso pode perguntar para ele, em quando ele aderiu ao Celso construiu consistência acadêmica, o Celso não tem consistência acadêmica nenhuma, ele é um político, homem respeitável, bom administrador, mas academicamente é uma tragédia, enfim, academicamente uma tragédia.

B.S.R.: Eu não sou construído academicamente.

M.S.: Eu também não sou, eu academicamente sou uma tragédia, posso até ter um discurso bonitinho, bem elaborado, mas sou uma tragédia academicamente. Bueno. E o Egon deu a consistência, e eu acho que o Egon que deu a vitória ao Celso. Mas aquilo que eu falei antes. E quando o Mércio foi candidato e o Egon foi colocado como vice, quem bancou o Egon como vice foi o nosso pessoal mais da esquerda, porque eu sempre tive a clareza de que o Egon seria o reitor da FURB, isso para mim sempre foi claro, e confesso que a posse do Egon na segunda-feira é um sonho meu de 12 anos, começou em 86, e enfim. Na gestão do Mércio, Mércio acabou ganhando em 1º. turno, tinham quatro chapas se não me engano? O Arlindo, mais o Edmundo Pozes e o Stênio, lógico. Mas acabou ganhando em 1º. turno e acabou acontecendo o que a gente previa, e o Egon foi o vice acabou sendo um vice que se sobressaiu, e... Mas eu quero voltar para contar de onde surgiu o sindicato. Bueno. Eu fui presidente da ASEF no período de 89 a 92, entreguei ao Gerson, perdi a eleição, o meu sucessor é o Roberto Disse, ele era o meu vice, no 1º. mandato foi a Marta, no 2º. mandato foi a Carminha, minha vice-presidente, espero que ela tenha contado isso no depoimento dela, e o 3º, foi o Roberto e aí como ele era o meu vice e queria ser o candidato e fui desbancado, perdia a eleição por 12 votos, tipo assim: 128 a 116, alguma coisa do gênero. Foi bem apertado. Aí eu sai assim derrotado, eu vou ser bem sincero, no 1º ano de mandato, primeiro ou segundo? Terceiro nem foi tanto, como a gente não tinha nada e a gente foi conquistando as coisas, naquela época se fosse candidato a qualquer coisa aqui na FURB, eu me elegia, eu, a aceitação da direção da ASEF era uma coisa... tanto é que eu fui eleito 2 vezes por unanimidade, era na assembléia: quem é a favor da reeleição levanta o braço. "Ah, uma

coisa assim, era impressionante, porque não tinha nada e de repente alguém transforma a entidade em luta. Os caras ficaram...

B.S.R.: Uma entidade que tem voz.

M.S.: Foi assim, foram 2 anos realmente impressionantes. Evidentemente que o nosso pessoal que não vai se repetir. Aí quando eu sai, em abril de 92, eu sai frustrado porque perdi a eleição, perdi para o Gerson, na época nós estávamos construindo a sede, a sede da ASEF/APROF ali, aquela sede lá.

B.S.R.: Gerson é o que está na Biblioteca do IPT?

M.S.: Isso, esse mesmo. É uma situação que me deixou puto da cara porque nós.. nosso mandato acabou em maio e a sede estava em obras. A sede, ali tem o ginásio de esportes, ali do lado fica nossa sede. Aquela sede foi construída num acordo com o Celso, com os recursos do nosso imposto de renda, que o imposto de renda, que o imposto de renda nosso fica retido na fonte e vai para FURB, fica na FURB, não vai para o governo. E foi essa grana que concluiu a sede. E praticamente 60% da obra foram feitos na nossa gestão, e aí na inauguração, quem inaugurou foi o Gerson, a plaquinha do Gerson é que está lá, e foi uma situação assim bem..

B.S.R.: Constrangedora!!

M.S.: É foi! Primeiro lugar botar placa em obra é coisa da "direita", eu não aceito esse tipo de coisa. Então a placa está lá: "Gerson Luis de Souza, da ASEF, APROF, Vilmar Zermiani e Celso Zipf como reitor." E eu escrevi, cheguei a escrever numa folha de papel, entreguei para ele o seguinte ó: "Olha vai fazer placa? " Não era presidente não era nada. "Esta obra foi construída com o dinheiro dos trabalhadores da Universidade.

Ponto”¹ Mais nada. Colocaram lá os nomes das casas lá para quê? Vontade de arrancar aquela merda de lá. Bueno. E aí o Gerson assumiu a ASEF, o Vilmar estava na APROF, aí como já estava mais ou menos institucionalizado o processo de negociações salariais na FURB, aquelas negociações aí com os alunos, era uma batalha que durava às vezes um três, quase todo dia tinha reunião. Eu acabei sendo convidado pelo Zermiani para dar uma assessoria nessas negociações salariais. E aí que começou a discussão da necessidade de se fundar um sindicato. O sindicato era para nós uma necessidade que se impunha a cada dia, até pelas luta dos trabalhadores. E então nós fundamos o sindicato, o grupo da ASEF e APROF, porque a gente acabou tendo uma relação fraterna, os nossos grupos mesmo não estando na direção das duas... que aliás acabou... E aí então em maio de 93 nós fundamos o sindicato em assembléia no bloco E. Fundamos o sindicato, o estatuto foi aprovado praticamente na íntegra nossa proposta, algumas alterações pequenas, e foi nomeado uma diretoria provisória, da qual o presidente era o Vilmar Zermiani, ele era o presidente da APROF e ele foi então nomeado presidente da diretoria provisória, enquanto se fazia a implantação do sindicato. E aí a diretoria definitiva foi eleita em outubro de 93, mesmo ano, maio até outubro, foram... o Ávila foi eleito presidente e eu fui eleito vice na ocasião, e aí o Ávila tomou posse em novembro de 93 na primeira diretoria do sindicato. Na ocasião não houve disputa, o Ávila foi chapa única, e eu acabei sendo o vice. E depois em 96 eu acabei sendo o vice de novo, da Vilma, e a Vilma acabou saindo para concorrer no centro e eu acabei virando presidente. E eu queria contar uma outra história, não sei se tem registro, da única greve que teve na FURB dos trabalhadores, de alunos teve algumas, mas de trabalhadores teve uma greve só que

¹ Bate sobre a mesa.

durou 2 dias. O Tafner era reitor, isso foi no início de 87, no início de 89, perdão, no início de 89. O governador era o Pedro Ivo, ou o Casildo, não me lembro, acho que o Pedro Ivo e convidou o Tafner para ser secretário da Educação. O Tafner era o reitor e o Fronza o vice. Isso foi em abril, fim de março, início de abril e convidou o Tafner para ser secretário de Educação dele, ele era o reitor. E aí ficaram uma semana discutindo se vai ou não vai. Isso é um absurdo, o cara deixou de ser reitor para ser secretário da Educação. Mas ele foi, o Fronza que era o vice, não queria. O Fronza não queria! Mas ele era o vice, teve que assumir, acabou assumindo. O Egon participava do "staff" do Tafner. E eu tinha sido recém eleito para presidente da ASEF. Eu era presidente da ASEF fresquinho. Aí o Fronza assumiu. E aí aconteceu o seguinte: Nós estávamos em discussão salarial, e na época não tinha sindicato, nós não tínhamos poder de discutir data-base. E o acordo salarial de Florianópolis foi uma bosta para nós. Só que a FURB impunha o acordo salarial que vinha de Florianópolis e nós esperneávamos. E o Pompeu era o presidente da APROF. E aí eu havia ido, fui lá na reitoria dizer para o Fronza que nós não íamos aceitar essa merda, que nós íamos começar um movimento. Eu me lembro vagamente que o índice era assim tipo 46% que nós estávamos exigindo. E na época, como é até hoje, o índice era determinado pelo CONSAD, conselho de Administração. Aí o conselho se reuniu, acho que numa quinta-feira à noite, decidiu-se contra o nosso pedido. Eu aí ele viu que era um guri... eu tinha aí, nós fizemos um escândalo lá no CONSAD e reunimos a categoria, e a categoria resolveu bancar, ou paga o nosso aumento, esses 46%, ou greve! E ainda mais, o Milton Pompeu puxando os professores. Aí nós avisamos aos alunos na sexta-feira; "olha, na segunda-feira a FURB não abre!" Começaram a greve numa segunda, isso é uma loucura! Aí teve a assembléia

no sábado de manhã, Conselho de Administração, membros...distribuíram faixas, cartazes, colamos aqui, no bloco G, na sala de baixo ali... Aí, no sábado à tarde, no final da tarde, foram lá em casa. O professor Fronza era reitor e tal. Eu tinha uma relação de amizade boa com o Fronza. O Fronza era um cidadão... era assim um paizão para todos nós, ele era muito amigo. E ele não queira ser reitor, nunca quis ser reitor. Tanto é que eu acho que ele morreu sem perdoar o Tafner por ter deixado ele com a caneta. O Tafner acabou voltando no início de novembro, enfim, acabou cumprindo só o final do mandato até a posse do Celso. Mas aí o Fronza me ligou em casa, num sábado, a greve ia começar na segunda, no sábado ele me liga lá em casa, quase chorando, pedindo pelo amor de Deus para que nós não fizéssemos a greve, que ele era um homem de bem, ele não queria prejudicar, mas ele não podia, não tinha dinheiro para dar aumento, eu fiquei constrangido mas eu não posso recuar. Aí ele disse então que pelo menos não houvesse um clima ruim, porque é ruim para imprensa, e aí me disse: "é porque eu sou velho, não quero me incomodar com isso". Aí eu fiquei assim, não vou negar, eu fiquei assim com uma vontade de "puta merda, que droga, o velho aí vai se incomodar". Mas enfim, a categoria deliberou. Aí eu cheguei na FURB, na segunda-feira às 5 para 5 da manhã, para pegar as serventes primeiro, porque tinha que ser para pegar as serventes primeiro, porque tinha que ser no pequeno. Aí eu cheguei na FURB 5 para 5 da manhã, o Carlos Linhares já estava aí. O Carlos já era do DAC. O Carlos puxando as serventes para trabalhar e eu puxando as serventes para não trabalhar. O cartão ponto na época, na FURB, um absurdo, o cartão-ponto era na parede da reitoria, lá em cima, atrás da recepção do bloco A, aquela parede onde hoje tem um relóginho ali. O relógio-ponto, único, de toda a FURB tinham que passar em frente da reitoria. Em frente à reitoria e

bater o ponto. Nós fizemos um piquete tão grande, que paramos a FURB. Eu só sei te dizer que isso deve ter sido assim em começo de maio... Não, isso foi o seguinte: a FURB estava fazendo 25 anos... Exatamente, em 89 a FURB estava fazendo 25 anos. Deve ter sido uns 5 ou 6 dias depois. Ou seja, a primeira greve da FURB se deu, a 1º e única, alguns dias após aos 25 anos da FURB. Eu me lembro que na comemoração dos 25 anos da FURB foi feito um grande churrasco onde hoje é o CTG fogo de chão, foi feita uma grande churrascada para todo mundo. E durante a churrascada falou o reitor, as autoridades, e abriram para mim e para o Milton Pompeu falar, eu pelo ASEF e ele pela APROF. E eu me lembro que na minha falação eu chamei o pessoal para assembléia que decretou greve, eu me lembro disso. O qual foi um pouquinho depois, foi em maio. A data até dá para achar na história, dá para buscar, mas foi logo depois dos 25 anos da FURB. Aí nós paramos, a FURB parou, parou! Não teve aula! Eu me lembro que nós estávamos... eu estava aqui desde às 5 da manhã e o Milton Pompeu chegou de táxi às 8 e meia, foi engraçadíssimo! O presidente da APROF. Aí chamaram o CONSAD, o Conselho para terça-feira de noite. Nós ficamos 2 dias parados. Assim ... Parados tranqüilos, numa boa, sem tumulto, tudo tranqüilo. O Kleinübing era o prefeito de Blumenau em 89, ele estava em campanha para governador. A eleição foi em 89 e ele tomou posse em 90, por azar, no dia da greve, veio fazer campanha aqui na FURB. Eu me lembro que nós estávamos em greve ali na frente, e aí o Kleinübing chegou. Aí o CONSAD se reuniu na terça-feira à noite, e nós fomos para o CONSAD foi limpo, o povo estava todo agoniado, e a reunião do CONSAD foi onde é hoje a sala lá de reuniões no mesmo local, e o povo todo ficou em baixo, tinha umas 200 pessoas. E a nossa proposta passou na íntegra. O que nós pedimos... A única coisa que foi parcelada,

tipo assim, nós queríamos 40 e tanto à vista e foi em 3 parcelas, passou na íntegra. E aí o Miltão, o Miltão um político, nós dissemos ... foi uma das primeiras vezes que a reitoria perdeu a proposta para o Conselho. Porque normalmente o que a reitoria botava passava, e eles perderam.

B.S.R.: Por que a representatividade dos órgão não funcionava?

M.S.: Exatamente. E aí acabou a reunião, essa proposta foi vitoriosa, e nós saímos. E o povo todo veio meio em cima de nós. E nós não dissemos nada para ninguém. Aí nós fomos para uma assembléia, não dissemos nada, primeiro nós vamos discutir, aí nós fomos para uma assembléia na sala B 101, onde hoje é a sala da Samara ali no DAE, era uma sala de aula grande. Aí nós fomos para uma assembléia ali, e aí o Pompeu escreveu a nossa proposta no quadro, todo mundo ficou olhando assim agoniado. Eu disse “apavorado”, todo mundo “ahhh”. Aquela uma greve foi um sarro!! Aí tinha um barzinho, ali em baixo do Hotel Estevam, o Xerife, não sei se ainda existe. Nós fomos ali no Xerife, tomamos um porre, bebemos quase até de manhã cedo. E essa foi a ...

B.S.R.: E os 46%?

M.S.: Eu acho que era 46%, eu não me lembro muito. Mas era uma coisa assim. Bom, nós já tivemos um índice de reajuste mínimo em 90, que era um inflação absurda o ano inteiro. Então essa foi a única greve da FURB, durou 2 dias, a data eu não lembro, mas foi em maio de 89, e o Fronza sempre foi uma situação muito ruim. Eu tive pena dele sabe. E no CONSAD o “time” dele que era para defender, acabou não defendendo. Então eu me lembro que eu pedi voto secreto, na hora de votar o índice, eu pedi voto secreto. Se eu não me engano, o financeiro lá era o professor Pedro Paulo Wilhem, Pedro Paulo, Naquela época a FURB estava numa situação financeira um pouco mais tranqüila, mas a

nossa remuneração era muito ruim. A remuneração dos trabalhadores da FURB deu um salto à partir de julho de 91, em junho de 91 nós começamos a melhorar o salário. A pouco tempo atrás eu tinha estudos que mostravam que nós começamos unir o nosso professor, a nossa base sempre era o professor A4, meio da carreira, por ali coisa e tal. Na época mais baixa, que foi na primeira gestão do Tafner, o professor A4 chegou a ganhar 1000 dólares só. Hoje o professor A4 chega a ganhar 3000 dólares, chegou a ganhar 1000 dólares. Hoje um professor A4 deve ganhar 3000 dólares chegou a ganhar 1000 dólares só, 2000 e algumas coisa, mas é quase o triplo! Chegou a ganhar 1000 dólares. O salário era muito ruim. E a mensalidade, apesar de ser cara, ela não tem ao longo da história um valor em dólares... da pouco, porque o dólar está meio caído, o valor do dólar hoje não é o melhor, mas se mantém mais ou menos no mesmo patamar. Nunca houve assim uma ... um crescimento muito grande. Os 20 créditos sempre custaram 1,8, 1,7 até 2 salários mínimos, é o que custa hoje. O crédito é 200 e alguma coisa, o salário mínimo é 130, apesar do salário mínimo estar absurdamente achatado. Bom, acho que é isso aí? E aí o sindicato teve um papel importante, especialmente no começo ... na continuidade desse processo de democratização da universidade. Eu acho que o sindicato hoje, apesar de também estar meio ... não vou dizer parado, mas é um processo que pouco está mobilizado ... te digo até mais, os trabalhadores da FURB de uma forma geral, tirando os professores, que hoje tem uma série na lista de "Schindler"; estão numa situação de relativa tranquilidade se for comparar. Têm estabilidade, têm um salário relativamente bom.

B.S.R.: De mercado.

M.S.: De mercado, sim. Obviamente está acima da média, tem um ambiente de trabalho razoável, tirando alguns probleminhas entre os professores, que hoje o maior problema da FURB hoje é a relação de trabalho dos professores da instituição. Este e junto o fundo previdenciário que vai falir a FURB. A relação de trabalho, essa questão dos professores horistas. Ela é trágica. Eu espero que ela seja resolvida nos próximos dois anos. Porque se não for, a demanda trabalhista decorrente disso vai levar a FURB à bancarrota. O passivo trabalhista da FURB hoje, o passivo não divulgado, hoje, é uma coisa impagável. Impagável! As irregularidades jurídicas cometidas nos últimos 8 anos da FURB, irregularidades jurídicas ... não vou citar pessoas, é uma tragédia. E essa irregularidade jurídica gerou um passivo trabalhista não divulgado.

B.S.R.: Mas que deve vir ...?

M.S.: Pode vir, se não houver um acordo ... vende a FURB ou não paga.

B.S.R.: Essas irregularidades são de que tipo? Porque isso é uma coisa que envolve diretamente a vida do sindicato.

M.S.: O grande problema é o seguinte: A FURB passa por um processo, ou passou historicamente por um processo, ou passa historicamente por um processo, de indefinição política. Não sabia se era pública ou se era privada. E aí criaram leis, uma coisa mais absurda que é a lista de "Schindler", que transformou todos os trabalhadores em servidores do regime seletista para o regime estatutário. Retroagindo a uma lei de 93, isso foi feito em 95 e retroagiu a 93, e não tem como ... A única lei que pode retroagir é aquela que beneficia o réu. É a única. Não existe outra lei que pode botar na prisão. E aí o 1º. equívoco, 2º. equívoco: Você não pode transformar trabalhador em servidor público sem concurso. Então hoje nós temos quase 200 pessoas que estão na chamada

lista de "Schindler", que contribuem para o Fundo Previdenciário, que não contribuem mais para o INSS, mas que não são servidores públicos mas que também não são seletistas, porque não fizeram o concurso público. Vou contar um segredo. O Egon Schramm não é servidor público, ele não fez o concurso.

B.S.R.: Ele me contou.

M.S.: É, e tem um monte. O Ávila, um monte de gente. Os funcionários não. Os funcionários só sobraram 30 que estão numa situação irregular. Agora entre os professores a situação ainda é trágica. Daí vem o mais grave, por exemplo na Medicina. Na Medicina tem disciplinas que são oferecidas semestres sim, semestres não. Aí o cara, ele é professor de marco à julho, aí de julho até janeiro do outro ano ele não ganha salário, mas não é demitido, não se interrompe o contrato. O que que acontece? Ele ficou sem receber salário, mas mantém o vínculo com ..

B.S.R.: Quando ele quiser cobrar ele ...?

M.S.: Ele vai ganhar. E tem um monte de gente nessa situação. Isso é um caminhão de gente. Isso é um passivo trabalhista. É claro, na verdade a maioria dos médicos não vai recorrer à isso, agora, se o caso bater aqui o sindicato vai ter que pagar. Ah, o sindicato era na sala B-202, onde nós começamos, evidente que foi uma negociação ... interessante que quando o sindicato filiado aí à direita... o sindicato... não queriam que o sindicato fosse dentro da universidade. E o Celso me deu aquele espaço, a sala B-202. E eu me lembro que naquela época deu um debate interessante. Inclusive a própria categoria não queria o sindicato aqui dentro. Porque tinha aquela conotação de sindicato.... O sindicato tinha que ser um prédio grande, bonito, de preferência que tenha médico, dentista, barbeiro, etc. E a nossa visão, é pelo contrário. Isso aqui é uma universidade

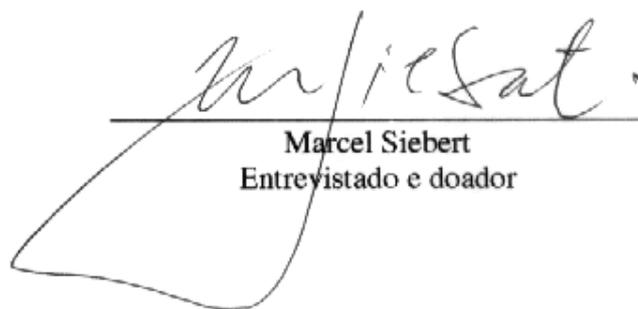
pública, o sindicato é dos trabalhadores, tem que estar dentro do campus. Por quê? Porque, aí estando fisicamente presente é mais fácil intervir também. E essa é uma discussão em que nós conseguimos convencer a categoria também. E ele queria que nós alugássemos uma sala comercial ou qualquer coisa. E foi uma discussão interessante, e até hoje os setores mais de direita aí não aceitam a presença do sindicato. Eu me lembro quando o Mércio... porque nós fomos para duas salas do bloco I. Então foi construído o bloco I, com nosso acordo... E aí o Brancher encheu o saco porque o "bloco I é o Centro de Educação.." e nós fomos ficara no andar acima da sala dele. Ele ficou indignado, fez um escândalo, e o Mércio para não se incomodar, ele nos pediu, por favor, que nós abrísssemos mão daquele espaço. E aí a diretoria inclusive deu uma briga homérica na diretoria, inclusive achando que nós fomos manter, e o Mércio disse: "se vocês quiserem continuar no bloco I, no lugar de vocês, é o acordo, mas eu estou pedindo para vocês barganhar." e aí a diretoria ficou... E aí o Egon quis oferecer essa casa aqui onde estamos hoje, que é um lugar bom. E acabou sendo melhor porque, apesar de ser dentro do campus, é um espaço nosso... Mas nós acabamos cedendo... até porque o Arlindo, quer dizer, o Almerindo, ele fez para provocar, sabendo que nós não fomos sair, mas ele queria criar conflito. E aí o dia que o Mércio foi dizer para ele "olha, o sindicato aceitou abrir mão". Ele ficou sem ação. O cara arrumou a briga para realmente provocar. E aí a gente disse: " tudo bem, a gente sai, pega o bloco I aí para ti, faz o que tu quiser e nós vamos para lá". O cara ficou assim, ficou desnorreado. É claro, logicamente ele armou politicamente e se equivocou. E aí foi que nós viemos para cá, está instalado hoje e onde fica provavelmente. Essa casa é da FURB.

TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente documento, eu MARCEL SIEBERT, cedo ao CEMU - Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem, do conteúdo de gravação em fita de vídeo, em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Professor Balbino Simor Rocha, Clarice Ehmke e Viegas Fernandes da Costa, em data de dezessete de junho de um mil novecentos e noventa e oito, 17/06/98, na cidade de Blumenau, composto de fita de vídeo, fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 20 de novembro de 2000.



Marcel Siebert
Entrevistado e doador

Testemunha